

SOB A NÉVOA DAS MONTANHAS: INTEGRAÇÃO REGIONAL E CONFLITO EM NAGORNO-KARABAKH

Gabriel Rodrigues Peixoto¹

Resumo

No presente artigo, nos lançamos a investigar a algumas das causantes principais da derrota estratégica armênia no conflito de Nagorno-Karabakh no ano de 2020, restando foco principal na análise das relações armênio-russas no período pós-2008. Para tanto, num primeiro momento, nos dedicamos a traçar um derroteiro da zigzagueante relação entre Yerevan e Moscou com relação ao adentramento da Armênia nas estruturas integracionistas da União Econômica Eurasiática. A seguir, colocamos nossas vistas aos protestos de rua ao longo da década de 2010 que culminaram na revolução colorida local na primeira metade de 2018, conhecida por *Velvet Revolution*, causante de um distensionamento com as relações com a Rússia, sua principal parceira estratégica. Finalmente, elencamos aos erros nas questões securitárias assumidos por parte da elite política armênia em decorrência de sua incapacidade em manter uma estratégia coerente a gravidade de sua posição geopolítica regional.

Palavras Chave: Transcaucásia; Integração regional; guerra híbrida.

Into the mist of the mountains: regional integration and conflict in Nagorno Karabakh

Abstract

In this article, we aim to investigate some of the main causes of the Armenian strategic defeat in the Nagorno-Karabakh conflict in 2020, leaving a main focus on the analysis of Armenian-Russian relations in the post-2008 period. To this end, at first, we dedicated ourselves to plotting a defeat for the zigzagging relationship between Yerevan and Moscow in relation to the entry of Armenia into the integrationist structures of the Eurasian Economic Union. Next, we cast our sights on the street protests throughout the 2010s that culminated in the local colorful revolution in the first half of 2018, known as the Velvet Revolution, which caused a strain on relations with Russia, its main strategic partner. Ultimately, we list the errors in security issues assumed by the Armenian political elite due to their inability to maintain a coherent strategy regarding the gravity of their regional geopolitical position.

Keywords: Transcaucasia; Regional integration; hybrid war.

Niebla en la montaña: integración regional y conflicto en Nagorno Karabakh

Resumen

En este artículo, nos proponemos investigar algunas de las principales causantes de la derrota estratégica armenia en el conflicto de Nagorno-Karabaj en 2020, poniendo un enfoque principal en el análisis de las relaciones armenio-rusas en el período posterior a 2008. Para ello, inicialmente, nos dedicamos a tramar una derrota de la relación zigzagueante entre Ereván y Moscú en relación con la entrada de Armenia en las estructuras integracionistas de la Unión Económica Euroasiática. A continuación, pusimos nuestra mirada en las protestas callejeras a lo largo de la década de 2010 que culminaron con revolución de color local en la primera mitad de 2018, conocida como *Velvet Revolution*, lo que ocasiono tensión en las relaciones con Rusia, su principal socio estratégico. En definitiva, enumeramos los errores en temas de seguridad asumidos por la élite política armenia debido a su incapacidad para mantener una estrategia coherente con respecto a la gravedad de su posición geopolítica regional.

Palabras-clave: Transcaucasia; Integración regional; guerra híbrida.

¹ Mestre em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL/UNILA).

Introdução

A eclosão do conflito em Nagorno-Karabakh, região montanhosa remota na transcaucásia, em 27 de setembro de 2020, acabou por pegar os mais desatentos de surpresa. O escalonamento de um dos “conflitos congelados” desde os anos 1990 no espaço pós-soviético, entre Armênia e Azerbaijão, haveria de se revelar contendor de questões e agentes que sobrepassariam as fronteiras dos dois países do Cáucaso. O conflito se caracterizou por ter potencialidade de arrastar ao seu seio Rússia e Turquia, além de envolver o vizinho Irã, e desembocar numa guerra de grandes proporções e de desfechos insondáveis, mas que certamente não traria nenhum grande benefício as potências regionais.

Decorrente de uma conturbada relação étnica que se arrasta há mais de 100 anos, atravessando períodos de variação em seu tensionamento², o conflito de Nagorno-Karabakh se prolonga desde o final da década de 1980, portanto, na mesma gênese dos dois Estados envolvidos, em concomitância ao esfacelamento da União Soviética. Sem maiores pretensões de discutir a primeira guerra entre ambas as nações no presente trabalho³, resta reter que àquela altura, com maior capacidade organizacional e um óbvio apoio do Kremlin, a Armênia logrou arrebatá-la da nação vizinha não só a região do Alto Karabakh, mas também suas adjacências, lançando o Azerbaijão a uma espiral de crise interna e forçando o controle *de facto* por parte dos armênios de um importante naco territorial azeri.

Tal enfrentamento deixaria marcas indelévels nos processos de configuração político-econômica de ambos os jovens países ao longo das décadas seguintes. Dito isto, o não assentamento da questão haveria de ser fator central para o entendimento da política externa e dos desdobramentos geopolíticos de toda a região transcaucasiana.

Da mesma maneira, tais encarniçados desdobramentos da década de 1990, nunca resolvidos em definitivo, haveriam de cobrar centralidade no paulatino escalonamento do conflito no século XXI, se manifestando de maneira clara no desatar do conflito de outubro de 2020 e no inexorável desfecho da vitória azeri quase três décadas mais tarde.

² Por certo, no período em que estavam unidos a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), jamais houve qualquer confrontação de maior gravidade entre as duas nações.

³ Ver: GEUKJIAN, Ohannes (2012). *Ethnicity, Nationalism and Conflict in the South Caucasus: Nagorno-Karabakh and the Legacy of Soviet Nationalities Policy*. Burlington: Ashgate Publishing Limited.

Nesse novo brote de hostilidades, mais do que qualquer outro ator externo, e até então constantemente jogando pela manutenção do *status quo* mirando a uma resolução pacífica do conflito, seria a Rússia a terceira parte mais involucrada, se deparando com uma sorte de armadilha geopolítica. Jeito ou outro, uma nova guerra no sul do Cáucaso colocava em risco os próprios projetos de integração regional, e em quaisquer dos desfechos possíveis significaria perdas para Moscou. Se tomasse partido por Yerevan, sua aliada no CSTO⁴, perderia o Azerbaijão, ator de preponderância na geopolítica energética regional, o projeto de Corredor Norte-Sul⁵ que conectaria a Rússia ao Irã e Índia, e entregaria de vez Baku à influência turca e possivelmente ocidental. Por sua vez, se recusasse a cumprir suas obrigações com Yerevan, teria por diante a potencial retirada armênia da estrutura integracionista nucleada ao redor da União Econômica Eurasiática, a perda de sua única base na transcaucásia e a possível intromissão de um novo ator em seu lugar.

Tendo em conta o mencionado, ao longo deste trabalho, nos lançamos a traçar um roteiro daquelas causantes principais da derrota estratégica armênia no conflito de Nagorno-Karabakh no ano de 2020, restando foco principal na análise das relações armênio-russas no período pós-2008, sob o prisma político e levando em conta os processos de integração regional.

Somos nossas montanhas

A República de Artsakh, Estado *de facto* independente erigido na região montanhosa de Nagorno-Karabakh, território oficialmente pertencente ao Azerbaijão, não é reconhecida por nenhum membro da ONU, nem mesmo pelo governo de Yerevan. Certo é, porém, que ainda que exista de fora da Armênia oficial, esta é percebida como continuidade de um mesmo tecido social, assim como o conflito por sua posse é central a própria existência do Estado armênio. Até o início do conflito em 2020, eram ao redor de 150 mil os armênios vivendo em

⁴ A Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO; em sua sigla inglês) é uma aliança militar intergovernamental criada em maio de 1992. A carta de intenções da CSTO propugna que todos os seus Estados signatários se abstenham da utilização ou da ameaça do uso da força. Ademais, estipula que estes não podem participar de outras alianças militares, ou quaisquer outros agrupamentos de Estados, tal como define que participar de agressão contra quaisquer dos membros da organização deve ser tratado como uma agressão a todos os seus membros.

⁵ O Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul (INSTC) é uma rede multimodal de 7.200 km de comprimento, de rota marítima, ferroviária e rodoviária para o transporte de cargas entre Índia, Irã, Afeganistão, Azerbaijão, Rússia, Ásia Central e Europa.

Artsakh ao longo dos 15 km da linha de contato com o Azerbaijão, todos ao alcance da artilharia azeri (VARTANYAN, 2018).

Diante de tal complexa realidade, as reverberações da guerra russo-georgiana em 2008 não haveriam de encerrar-se nas fronteiras dos dois Estados contendentes, calando profundamente em todo o Cáucaso, mas, principalmente, na pequena Armênia. Mirando a experiência georgiana, um processo de modernização emergia como algo imperativo ante a vulnerabilidade geográfica a qual o país estava incrustado. Em situação algo parecida a do seu vizinho ao norte, porém, com inimigos outros, as fronteiras armênias também estavam tensionadas ante a iminente possibilidade de um novo conflito com o Azerbaijão, aliado da Turquia. Ademais, as fronteiras cerradas por Ankara e o conflito com Baku impediam a diversificação econômica tão necessária a Yerevan, que já passava a enfrentar os efeitos diretos da crise financeira do final da primeira década do século XXI.

Naquela altura, o processo de modernização pretendido pelas autoridades do país não passava apenas pelas armas, mas fundamentalmente por afiançar as alianças político-econômicas do país. Mirando em direção ao oeste, e ensaiando certo esfriamento das relações com Moscou, Yerevan havia optado por se lançar a um modelo europeu de desenvolvimento, que significava um processo de europeização formal e uma gradual aproximação com a União Europeia (DELCOUR; WOLCZUK, 2013). Pelas palavras do então presidente Sargsyan:

Declaramos mais de uma vez que a direção europeia é nossa prioridade. Nos últimos anos, registramos um sucesso considerável nessa direção. A União Europeia não só se tornou um dos nossos parceiros mais importantes a nível mundial, mas também desempenha um papel significativo dentro da Armênia, ajudando-nos na implementação das reformas e no reforço da estabilidade econômica e geral do país (SARGSYAN, 2011, n.d., tradução nossa)⁶.

Em maio de 2009, a Armênia junto a outros cinco Estados do Leste Europeu (Azerbaijão, Belarus, Geórgia, Moldávia e Ucrânia), se aproximou da UE para lançar a *Eastern Partnership* (EaP) cujo objetivo principal era criar “as condições necessárias para acelerar a associação política e aprofundar a integração

⁶ No original: “We have stated more than once that European direction is our priority. In recent years, we have registered considerable success in that area. European Union has not only become one of our most important partners in the world but also plays a significant role inside Armenia, assisting us in the implementation of the reforms and in strengthening economic and overall stability of the country.” (SARGSYAN, 2011, n.d.).

econômica entre a UE e os países parceiros interessados” (COUNCIL OF THE EUROPEAN UNION, 2009, p. 6, tradução nossa)⁷.

Nos anos que se seguiram, seguindo à risca os objetivos da declaração do EaP, o governo armênio se dedicou a levar a cabo uma série de reformas políticas e socioeconômicas que rumavam em direção a aproximação com a UE. Tal aproximação haveria de recorrer, não raramente, a dispositivos discursivos de corte civilizacional, adjuntando a escolha da aproximação com Bruxelas a uma sorte de pertencimento da nação caucasiana à civilização europeia. Em 2011, durante discurso proferido na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, o então presidente Serj Sargsyan (2008-2018) afirmava que: “[o] povo da Armênia fez sua escolha histórica e irreversível. (...) Para nós, é um regresso à civilização e ao reino cultural europeu, ao qual pertencemos e onde estivemos sempre presentes.” (Council of Europe, 2011, tradução nossa)⁸.

Finalmente, em 24 de julho de 2013, o comissariado da UE anunciava que após um extensivo movimento de reformas legais, políticas e socioeconômicas estavam dadas as condições para que Geórgia e Moldávia, além da Armênia, pudessem firmar o início do *Association Agreement* durante o *Eastern Partnership Vilnius Summit*, realizado em novembro daquele mesmo ano. Tal movimento significava a adesão inevitável ao *Deep and Comprehensive Free Trade Agreement* (DCFTA).

À primeira vista, a posição russa ante ao EaP e à aproximação armênia com a UE era de indiferença. Todavia, ante a percepção cada vez mais acentuada de que a expansão geográfica do bloco econômico europeu rumo ao oriente se tratava em verdade de um perigo maior que aquele da OTAN, Moscou passou a oferecer diversos incentivos para que os países do EaP se aproximassem da recém fundada União Aduaneira Euroasiática (EACU) e revertessem seus afagos com Bruxelas (ADEMMER; DELCOUR; WOLCZUK, 2016).

Tais incentivos confundiram-se com avisos das consequências possíveis de uma eventual expansão da UE ao *near-abroad* russo. No que tange a Armênia, a Rússia se utilizou de três movimentos que tentavam recobrar nas lideranças

⁷ No original: “the necessary conditions to accelerate political association and further economic integration between the EU and interested partner countries.” (COUNCIL OF THE EUROPEAN UNION, 2009, p. 6).

⁸ No original: “The people of Armenia have made their historic and irreversible choice. (...) For us, it is a homecoming to the European civilization and cultural realm, to which we belong, and where we have been ever-present.” (COUNCIL OF EUROPE, 2011, n.d.).

armênias um certa dimensão de senso espacial. Àquela altura, um programa de repatriação de russos vivendo no exterior foi reativado por Moscou, o que ameaçava o território armênio de sofrer com uma debandada populacional. Ademais, nas questões militares, as relações entre o Kremlin e o Azerbaijão se tornaram ainda mais próximas, pelo qual após visita do Presidente Putin a Baku em agosto de 2013, uma venda massiva de armamentos foi acertada. Por fim, a geopolítica da energia se faria aqui também valer, e uma alça nos preços do gás ao patamar de 50% se faria valer em meados daquele mesmo ano (DELCOUR, 2014).

O contrassenso geopolítico de Yerevan se viu logo forçado a redirecionar-se a uma “decisão racional” (MATEVOSYAN *et al*, 2017). O país tinha pouco espaço para não acomodar os interesses de Moscou, e apesar de não ser a Rússia a sua principal parceira econômica, era de fato o país eslavo que lastreava a segurança - em amplos termos - da nação armênia (DELCOUR, 2014).

Finalmente, a decisão do presidente Sargsyan de adentrar-se a EACU colocava por encerradas as tratativas com a UE, dado que as DCFTAs e os marcos regulatório da EACU eram de fato mutuamente excludentes. Àquela altura, a liderança do país reconhecia que, dados os fatos se davam, era necessário construir uma política externa coerente com as alianças tidas como fundamentais ao país (SARGSYAN, 2013). Para dar maior sustentação lógica a reopção da lógica de integração feita por Yerevan, a presidência do país deixava evidente a questão securitária. Sargsyan deu ênfase a participação armênia no CSTO, a qual em teoria servia como garantia da manutenção espaço-temporal da nação armênia, pelo qual, seria “inviável e ineficiente se afastar da (nossa) área geoeconômica relevante” (ARMÊNIA, 2013, tradução nossa)⁹.

Grosso modo, os conflitos do século XX seguiram a cobrar importância na decisão integracionista de Yerevan. Em Artsakh, as tensões jamais resolvidas com a Turquia, evidenciaram a dependência assimétrica em relação a Moscou ante as vulnerabilidades geopolíticas do país caucásico. Para além do pacto de defesa mútua decorrente da membresia do CSTO, a Rússia continuava sendo a principal parceira de Yerevan em todo o espectro de defesa do país. É Moscou quem financia e vende por valores abaixo do mercado a maior parte do material bélico adquirido por Yerevan. Ademais, para além da base russa na localidade de Gyumri, única no

⁹ No original: “*unfeasible and inefficient to stay away from the relevant geo-economic area*” (ARMÊNIA, 2013, n.d.).

sul do Cáucaso e que, modo ou outro, também serve a estabilização da região, também a divisão de controle fronteira do Serviço Federal de Segurança (FSB) russa, auxilia no controle das fronteiras armênicas adjacentes a Turquia e ao Irã com ao redor de 4.500 agentes (MATEVOSYAN *et al*, 2017).

O rompimento com a UE, apesar de ser um choque aos interesses de Bruxelas, haveria de encontrar respaldo em boa parte da elite armênia. Para aquela parte da oligarquia local que deu suporte a um consenso que lastreou a reaproximação com a Rússia, era de fato a parceria com Moscou um dos susténs da economia doméstica (DELCOUR, WOLCZUK, 2015). Ademais, para tal elite, surgida nas mesmas vicissitudes da guerra no Alto Karabakh no começo dos anos 1990, a guerra passada e as possibilidades de um novo conflito ainda permeavam tanto sua acepção de política externa quanto a aquela interna (ISKANDARYAN, MIKAELIAN; MINASYAN, 2016). Claro estava que a possibilidade de amputação territorial resultaria não somente em perdas econômicas mas na incerteza quanto a viabilidade da nação armênia.

Fato era que a reaproximação com Moscou se dava num momento delicado a segurança nacional. Em 2016, portanto quando a entrada na EACU já havia dado novo ímpeto a cooperação russo-armênia, os gastos militares de Yerevan alcançaram a cifra de 430 milhões de dólares. Do outro lado da fronteira, porém, Baku destinava ao orçamento militar o considerável montante de 1,767 bilhão de dólares (MATEVOSYAN *et al*, 2017).

O caminho do inferno está pavimentado de boas intenções

Modo geral, os protestos se tornaram uma constante na vida política e cultural da Armênia na década de 2010. O ano de 2008 havia sido aquele que daria início a tais movimentos populares: se até tal fatídico ano a economia local levava anos crescendo em duplos-dígitos, a crise econômica global havia jogado o país a uma queda abrupta que seria seguida por anos de estagnação (ISKANDARYAN, 2018).

Nem tão por acaso, a aproximação com a Rússia seria o epicentro de algumas das maiores manifestações durante a década. Embora fosse criticado sistematicamente o governo Sargsyan, o alvo central de transfundo das manifestações de rua era a aliança do país do sul do Cáucaso com a Rússia.

Em julho de 2015, uma série de protestos conhecidos como “*elektro maydan*” - em óbvia referência ao Euromaidan ucraniano - foram organizados pelo país. Por alvo estava as elevadas tarifas de energia do país cobradas pelo monopólio energético da subsidiária local da empresa russa Inter Rao. Como desfecho paliativo, a empresa haveria de ser vendida ao consórcio armênio-russo Tashir Group.

Mais tarde naquele mesmo ano, o assassinato de 7 membros de uma mesma família nas proximidades da base russa de Gyumri pelo militar russo Valery Permyakov, preso posteriormente por tropas de fronteiras russas estacionadas na Armênia, haveria de catalisar uma nova série de protestos que demandavam a retirada das tropas russas do país, o que ocasionou tensões diplomáticas nas relações entre ambos os países (GRIGORYAN, 2015).

Pari passu, enquanto o país adentrava a uma crescente de instabilidade interna que tensionava as relações com Moscou, também crescia a instabilidade na linha de contato em Nagorno-Karabakh. De episódios esporádicos de tiros de *snipers*, a situação haveria de escalar a intensa troca de artilharia, derrubadas de aviões e incursões territoriais sistemáticas. A instabilidade também passou a ser característica da fronteira entre o Azerbaijão e a República de Karabakh, mas se alastrou por toda a linha de contato entre armênios e azeris (ISKANDARYAN, 2018).

Já estava claro que Baku se aproveitava sistematicamente das crescentes debilidades internas e externas de Yerevan, e, finalmente, tal escalonamento de hostilidades haveria de desembocar no maior enfrentamento desde o conflito da década de 1990, no que ficou por conhecido por Guerra dos Quatro Dias, entre 1 e 5 de abril de 2016. Em acordo ao governo azeri, naquele episódio foram tomados 20 Km², por sua vez Yerevan afirmava que não havia perdido mais do que 8 Km². De todo o modo, estes já eram os sinais evidentes de que as condições que levaram a vitória em 1994 já não estavam presentes.

Uma vez mais, as vozes das ruas pesaram. A derrota limitada em 2016 abriu caminho a uma nova série de protestos na república armênia. As autoridades foram amplamente acusadas de não proteger os interesses dos armênios em Karabakh e de terem sido incapazes de manter as capacidades das forças armadas em acordo com as necessidades de enfrentamento ante ao inimigo azeri. O escalonamento do conflito, a possibilidade de que se tornasse uma guerra de grandes proporções e a percepção de uma evidente disparidade de forças entre os dois países foram

recebidos pela população como comprovação irrefutável da negligência das autoridades militares e civis. De modo geral, o governo foi culpabilizado por causar a debilidade da segurança do país (ISKANDARYAN, 2018).

Por certo, somaram-se aos protestos a crise socioeconômica que golpeava a juventude local, reverberando os efeitos da crise global de 2008 e que ainda sofria os efeitos da desmodernização do país no período pós-soviético. Porém, tal como em 2015, novamente a Rússia haveria de se tornar o “boneco de judas” da ira popular: o exército azeri havia se utilizado de armas russas para atacar posições armênias - ainda que a bem da verdade os armênios também haviam se utilizado de armas russas para alvejar posições azeris -, e de que Moscou havia manifestado reiteradamente seu apoio a Sargsyan no pós-conflito. Ademais, somaram-se às sanções ocidentais a Rússia pela anexação da Crimeia, que também se demonstraram desastrosas para o comércio entre as duas repúblicas. Não poucas foram as vozes de “blogueiros” e “ativistas sociais” por trás dos protestos que inflamaram os pedidos de revisão da parceria estratégica com a Rússia (MARKEDONOV, 2016).

Num episódio que ilustraria a alastrada histeria anti-russa, um grupo armado autodenominado “Sasna Tsrer” (os Demônios de Sassoun, em referência ao poema épico medieval) invadiu uma estação policial na capital por 14 dias, fazendo reféns até seu dia sexto e resultando na morte de 3 policiais. Por motivação estava a oposição daquele veículo à mediação russa entre Baku e Yerevan para a resolução do conflito em Karabakh, a qual percebiam ser prejudicial a Armênia. Novamente, uma massa de apoiadores se espalhou pela capital em apoio aos sequestradores.

Em definitivo, todos estes processos se concatenaram em pavimentar o caminho a um ato final. Em 2017, após a entrada em vigor da nova constituição nacional, aprovada em referendo em 2015 e desenrolada na esteira das reformas pró-europeias, transformando o país numa república parlamentar, Sargsyan foi novamente eleito para a liderança do país, dessa vez ao cargo de Primeiro-Ministro. A essa altura o bloco de oposição recebeu apenas 7% dos votos e não fez qualquer menção de contestar os resultados eleitorais (ISKANDARYAN, 2018).

Tal desempenho da oposição, todavia, não haveria de se prolongar. No mesmo processo de transição de poder, que durou quase um ano, o líder da oposição, Nikol Pashinyan, se tornou líder de protestos de rua que se prolongaram pela primavera de 2018. Ao que até poucas semanas antes era impensado, os

pequenos protestos da oposição foram atendidos por amplas camadas descontentes da população local que escorreram para as ruas num *modus operandi* já conhecido no antigo espaço soviético. O mesmo Pashinyan, àquela altura, afirmava que tal processo se tratava de uma *Velvet Revolution* (VARTANYAN, 2018).

Como resultado, Pashinyan alçou-se ao poder, liderando uma oposição desacreditada e com pouco apoio popular, avançando uma agenda de corte neoliberal e uma política externa com elevado teor de ceticismo frente a Moscou, proponente a uma sorte de via dupla guinante a um retorno a aquele processo de modernização do já distante ano de 2008. Ao que soava como um espasmo de consciência nacional em parte da população, já ressoavam temores que a “revolução armenia” acabasse por deixar expostos os flancos do país e desatasse uma ofensiva azeri (ZOLYAN, 2018).

A mãe de todas as coisas

Aquele cessar-fogo da primeira guerra em Nagorno-Karabakh no anos 1990, havia permitido um arranjo momentâneo que favorecera - dadas as circunstâncias - tanto os países contendentes - a Armênia havia logrado o controle de fato não só da região em disputa mas de grandes nacos de territórios adjacentes e o Azerbaijão evitava uma derrota ainda mais solapante e mantinha intactos os seus direitos sob a lei internacional -, quanto a Rússia que pode reafirmar sua influência na região costurando o acordo que colocava fim às hostilidades de então. À partir dessa altura, se bem a Federação Russa havia ainda que de forma velada favorecido aos interesses de Yerevan, Moscou passara a ter interesse em manter o *status quo* e a balança de poder equilibrada entre Armênia e Azerbaijão.

Certo é, porém, que a atuação russa no conflito nos anos 1990 haveria de criar também certa rivalidade entre Baku e Moscou, com desdobramentos que se fariam sentir nas décadas seguintes. O Azerbaijão, contrastando ao seu vizinho cristão, àquela altura recusou a permanência de tropas russas no país. Ademais, em evidente represália, no ano de 1999 retirou-se da Organização do Tratado de

Segurança Coletiva e aderiu ao GUAM¹⁰, numa clara sinalização aos países da OTAN (DERIGLAZOVA; MINASYAN, 2011).

Por essa mesma razão, não foi surpresa que o Azerbaijão tenha recorrido a outros poderes regionais e que a Turquia tenha se aproveitado da situação, se tornando um aliado de Baku na questão de Karabakh. Desde os anos 1990, Ankara mantém cerrado o passo em sua fronteira com a Armênia, o que é mesmo que dizer que impõe um embargo econômico a Yerevan, ademais de manifestar abertamente sua posição pró-azeri ante ao conflito. Como condicionante ao cessar de restrições ao trânsito da produção armênia, o regime turco exigiu desde o primeiro momento a resolução da contenda em favorecimento ao Azerbaijão (DERIGLAZOVA; MINASYAN, 2011). Ademais, e talvez principalmente, os turcos passaram a ser o maior aliado do Azerbaijão no âmbito militar, se tornando grande fornecedor de armas e entregando apoio diplomático, político e técnico às forças armadas do país (DEMOYAN, 2006).

Em tal cenário, a Rússia, matraqueada ante aos riscos do avanço turco na região, foi constante e paulatina na tarefa de sobrepor a rivalidade dos anos 1990, em favor de uma cooperação cada vez mais estreita com vistas a manter sua influência em Baku. Há de se reter que já sob o governo de Putin, após a descoberta de vastos depósitos de gás, o Azerbaijão se assomou como um importante ator regional no mercado energético. Por essa mesma razão, dentro de uma lógica de contenção e aproximação, o conglomerado russo Gazprom estabeleceu contatos cada vez mais estreitos com a estatal petrolífera azeri, com vistas a um cada vez maior fornecimento de gás à Rússia (EUROPÉTROLE, 2012).

Certo é, porém, que ao contrário dos tempos soviéticos, Moscou já não teria controle total sobre as ações azeris. Se bem no princípio dos anos 90 o país muçulmano havia se precipitado a uma espiral de caos que, jeito ou outro, lhe causara a derrota na guerra, nos anos que seguiram, ao contrário da Armênia, que seguiu estagnada, a extração de hidrocarbonetos havia cambiado por completo a situação estratégica do país. No decorrer do tempo, já era inescandível a superioridade econômica e militar azeri e passava a ficar claro que uma

¹⁰ A Organização para a Democracia e o Desenvolvimento Econômico é um bloco regional constituído por quatro países da Comunidade de Estados Independentes (CEI): Azerbaijão, Geórgia, Ucrânia, Moldávia, tendo sido criada com vistas a restringir a influência da Federação Russa no antigo espaço soviético, tendo se aproximado dos Estados Unidos e da União Europeia.

movimentação estratégica de avanço de Baku sobre a linha de contato em Karabakh rumo a Artsakh se daria em questão de pouco tempo.

Tal ofensiva, para além das questões estritamente territoriais, se assomava com potencialidades de genocídio - fosse por casualidades da guerra ou pela expulsão da população étnica armênia -, e por essa mesma razão, longe de resolver o conflito, tinha em seu ventre a capacidade de lançar todo o Cáucaso em uma encarniçada guerra que colocaria além dos dois países envolvidos diretamente também a Rússia, com suas obrigações com a CSTO, e a Turquia, em defesa de seu novo espaço de influência.

Atenta, ao longo da década de 2010, Moscou partiu a acelerar um assento definitivo da questão de Karabakh, propondo a chamada “fórmula Kazan” que previa a devolução de cinco regiões adjacentes ao Karabakh, arrebatadas pelos armênios na guerra da década de 1990, em troca do fim do bloqueio econômico imposto por Baku. Se tratava duma tentativa de dar por encerrada a questão e dar cabo às hostilidades: o Azerbaijão retomaria a maior parte de suas perdas territoriais, todavia reconheceria a presença armênia definitiva em Nagorno-Karabakh (DUGIN, 2020).

Todavia, viria de Yerevan a maior recusa em dar por sentada a questão, numa torpeza que haveria de cobrar caro aos interesses estratégicos e securitários da nação armênia. O novo presidente Pashinyan, ignorando as mediações de Moscou, passou a adotar uma postura ambígua e diletante em relação ao conflito em Artsakh, não só ignorando todos os indicadores de escalonamento das tensões mas os reforçando ao convidar Baku para uma negociação direta em Stepanakert, capital da República de Artsakh, entidade jamais reconhecida pelo Azerbaijão. Ao mesmo tempo, Pashinyan criou tensões com o governo da república irmã, supostamente leal ao antigo governo (PERRA, 2020). O isolacionismo de Yerevan dava as condições iniciais para uma nova guerra no Alto Karabakh; e também estava dada as condições da derrota armênia.

O resumo das hostilidades em 27 de outubro desembocaria numa vitória incontestável das forças armadas azeris. Ante ao resultado no campo de batalha e a possibilidade de que a guerra tomasse proporções ainda maiores, a Rússia, finalmente, teve de se impor. Mesmo após a derrubada de um helicóptero russo no espaço aéreo armênio por tropas azeris no dia 9 de novembro, no dia seguinte

Moscou acertou o cessar-fogo que dava por sentada a vitória azeri. Plasmou-se um novo *status quo* na região (DUGIN, 2020; RUSSIA, 2020).

O Azerbaijão, num espaço de menos três décadas, conseguiu reverter sua situação estratégica débil, se tornando uma economia deverás maior, se aproximando de um novo aliado, a Turquia, e paulatinamente construindo uma relação mais estável com a Rússia, assim arranjanado uma nova balança de poder que acabou forçando à Moscou ao desenho de um novo *status quo* regional. A nova guerra viria apenas reafirmar a importância regional do Azerbaijão, afinal, como diz Dugin (2020, n.d.): “quem controla Karabakh, controla o Cáucaso do Sul (...) A captura de Shusha foi o fim estratégico da guerra de Karabakh. O Azerbaijão venceu”.

Ao final, a Rússia encontrou maneiras de manter sua influência regional, ainda que obviamente de maneira debilitada. Para a Armênia, com os acertos do cessar-fogo, a “fórmula Kazan” se impôs pela força, sem que haja quaisquer outros garantes de seu cumprimento além das próprias forças de paz russas que se deslocaram à Artsakh a fim de evitar um genocídio. Ficaram escancarados os erros sistemáticos de Yerevan na construção de uma política securitária que teimou em ser influenciada pelas ruas e que miravam para rincões distantes, colocando em risco a continuidade espaço-temporal da nação. As conturbadas relações armênio-russas cobraram seu alto preço.

Considerações finais

Se na década de 1990 a Rússia teve papel decisivo na vitória armênia em Nagorno Karabakh, os desdobramentos político-econômicos dos 30 anos seguintes fizeram com que a balança de poder regional rumasse a um equilíbrio tênue e que finalmente haveria de pender em favor de Baku. A Rússia, sabedora do novo arranjo regional que se conformava a vista de todos, não teve outra opção que não jogar com as novas regras que se dispunham no tabuleiro, mirando tanto a um largo processo de integração regional quanto a necessidade da estabilidade regional para que se dessem condições favoráveis para tal.

Dito isto, como pudemos verificar, existiu uma óbvia correlação direta entre a crescente da proliferação dos protestos anti-russos pelo país, que teimavam em forçar o afastamento do país de Moscou, e a escalada do conflito. Ao que provavelmente boa parte dos armênios entenderão - novamente - como uma nova

“traição” russa, reside em verdade uma compreensão torpe, e obviamente influenciada desde poderes forâneos, que quebrantou a racional de securitização do país. Tal debilidade interna fez do país um alvo fragilizado ante seus reais inimigos regionais.

Novamente fica claro que as já não tão novas revoluções coloridas pró-ocidentais, apesar de se instalarem por motivações algo justas, têm com único desdobramento possível, mais do que ferir um suposto bicho-papão geopolítico, o enfraquecimento de sua nação hospedeira. Ademais, resulta notável que cada vez mais seguidamente seus desfechos resultem em guerras de elementos convencionais que colocam em risco a própria integridade territorial dos países envolvidos. Os processos de integração regional, aríetes mesmo da geopolítica contemporânea, prosseguirão para além das dinâmicas puramente nacionais. As guerras ao redor dos processos de integração, também.

Referências

ADEMMER, Esther, DELCOUR, Laure; WOLCZUK, Kataryna (2016). **Beyond Geopolitics: Exploring the Impact of the EU and Russia in the “Contested Neighborhood”**. Eurasian Geography and Economics 57(1): 1–18.

ARMENIA (2013). **The RA President Serzh Sargsyan’s remarks at the press conference on the results of the negotiations with the RF President Vladimir Putin**. Disponível em: <<https://www.president.am/en/interviews-and-press-conferences/item/2013/09/03/President-Serzh-Sargsyan-press-conference-working-visit-to-Russian-Federation/>>. Acessado em: 13 de novembro de 2020.

COUNCIL OF EUROPE (2011). **Address by Serzh Sargsyan, President of Armenia on the Occasion of the Third Part of the 2011**. Ordinary Session of the Council of Europe Parliamentary Assembly. Disponível em: <<https://hub.coe.int/Speech-Sargsyan>>. Acessado em: 12 de novembro de 2020.

COUNCIL OF THE EUROPEAN UNION (2009). **Joint Declaration of the Prague Eastern Partnership Summit. Praga**. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/. Acessado em: 13 de novembro de 2020.

DELCOUR, Laure; WOLCZUK, Kataryna (2015). **The EU’s Unexpected ‘Ideal Neighbour’? The Perplexing Case of Armenia’s Europeanisation**. In: Journal of European Integration 37: 491–507.

DELCOUR, Laure (2014). **Faithful But Constrained? Armenia's Half-Hearted Support for Russia's Regional Integration Policies in the Post-Soviet Space**. In: London School of Economics Ideas: Geopolitics of Eurasian Integration.

DEMOYAN, Hayk. (2016). **Armenian Genocide: Front Page Coverage in the World Press**. Yerevan: Armenian Genocide Museum.

DERIGLAZOVA, Larisa; MINASYAN, Sergey (2011). **Nagorno-Karabakh: The Paradoxes of Strength and Weakness in an Asymmetric Conflict**. Yerevan: Caucasus Institute Research Papers.

DUGIN, Alexander (2020). **Guerra entre Armênia e Azerbaijão: “Pashinyan perdeu a Guerra e perdeu Karabakh”**. Disponível em: <<http://novaresistencia.org/2020/11/15/guerra-entre-armenia-e-azerbaijao-pashinyan-perdeu-a-guerra-e-perdeu-karabakh/>>. Acessado em: 13 de novembro de 2020.

EUROPÉTOLE (2012). **Gazprom doubling Azerbaijani gas purchase**. Disponível em: <<https://www.euro-petrole.com/gazprom-doubling-azerbaijani-gas-purchase-n-i-5928>>. Acessado em: 14 de novembro de 2020.

GEUKJIAN, Ohannes (2012). **Ethnicity, Nationalism and Conflict in the South Caucasus Nagorno-Karabakh and the Legacy of Soviet Nationalities Policy**. Burlington: Ashgate Publishing Limited.

GRIGORYAN, Armen (2015). **Murder of Armenian Family by Russian Soldier Severely Strains Moscow-Yerevan Relations**. Eurasia Daily Monitor Volume: 12 Issue: 10. The Jamestown Foundation.

ISKANDARYAN, Alexander (2018). **The Velvet Revolution in Armenia: How to Lose Power in Two Weeks**. In: Democratizatsiya: The Journal of Post-Soviet Democratization, Volume 26, Number 4, Fall 2018, pp. 465-482. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/707882>>. Acessado em: 14 de novembro de 2020.

MARKEDONOV, Sergey (2016). **The Yerevan unrest: Implications for Russia and the Caucasian region**. Disponível em: <https://russia-direct.org/opinion/what-are-implications-yerevan-incident-russia>. Acessado em: 14 de novembro de 2020.

MATEVOSYAN, Vahram; DRNOIAN, Anna; MKRTCHYAN, Narek; YEPREMYAN, Tigran (2017). **Armenia in the Eurasian Economic Union: reasons for joining and its consequences**. Eurasian Geography and Economics, 58(3), 340-360.

PERRA, Daniele (2020). **Scontro nel caucaso: prospettive e scenari**. Disponível em: <https://www.eurasia-rivista.com/scontro-nel-caucaso-prospettive-e-scenari/>. Acessado em: 14 de novembro de 2020.

RUSSIA (2020). **Statement by President of the Republic of Azerbaijan, Prime Minister of the Republic of Armenia and President of the Russian Federation**. Disponível em: <en.kremlin.ru/events/president/news/page/5>. Acessado em: 13 de novembro de 2020.

SARGSYAN, Serj (2011). **Speech before the plenary meeting of the 20th Congress of the European People’s Party (EPP)**. Marseille, 7 December 2011.

VARTANYAN, Olesya (2018). **“Velvet Revolution” Takes Armenia into the Unknown**. Disponível em: <<https://www.crisisgroup.org/europe-central-asia/caucasus/armenia/velvet-revolution-takes-armenia-unknown>>. Acessado em: 14 de novembro de 2020.

ZOLYAN, Mikael (2018). **What to Expect from Armenia’s New Leader**. Disponível em: <<https://carnegie.ru/commentary/76365>>. Acessado em: 14 de novembro de 2020.

Recebido em 18.11.2020.
Publicado em 01.01.2021.